

# Métodos de Pesquisas de Survey

Earl Babbie



EDITORA  
UFMG

B.0071533

Universidade de Brasília

e. Ponks Livros

23/01/04 R\$ 36,00

04/00468-0

545147

3: 001, 8  
B 112 m  
= 690

Copyright© 1997 by International Thomson Publishing Inc.  
 Título original: *Survey Research Methods* (second edition)  
 Copyright© 1999 da tradução brasileira by Editora UFMG  
 2001 - 1ª reimpressão  
 2003 - 2ª reimpressão.

Todos os direitos reservados  
 Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, impressão ou através de qualquer sistema de arquivo e recuperação, sem autorização escrita do Editor.

PROJETO GRÁFICO E CAPA: Glória Campos - Mangá  
 EDITORAÇÃO DE TEXTO: Ana Maria de Moraes  
 REVISÃO DE TEXTO E NORMALIZAÇÃO: Olga Maria Alves de Sousa  
 REVISÃO DE PROVAS: Lilian Valderez Felício e Maria Aparecida Ribeiro  
 REVISÃO TÉCNICA DA TRADUÇÃO: Ronaldo de Noronha  
 COORDENAÇÃO: Renarde Freire Nobre  
 APOIO À COORDENAÇÃO: Magda de Pinho Tavares  
 PRODUÇÃO GRÁFICA: Warren de Marilac Santos  
 FORMATAÇÃO: Eduardo Ferreira, Warren de Marilac Santos e Marco Severo  
 EDITORA UFMG  
 Av. Antônio Carlos, 6627 - Ala direita da Biblioteca Central - Térreo  
 Campus Pampulha - 31270-901 - Belo Horizonte/MG  
 Tel. (31) 3499-4650  
 Fax: (31) 3499-4768  
 e-mail: editora@ufmg.br  
 www.editora.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 REITORA: Ana Lúcia Almeida Gazzola  
 VICE-REITOR: Marcos Borato Viana  
 CONSELHO EDITORIAL  
*Titulares:* Antônio Luiz Pinho Ribeiro, Beatriz Rezende Dantas, Carlos Antônio Leite Brandão, Heloísa Maria Murgel Starling, Luiz Otávio Fagundes Amaral, Maria das Graças Santa Bárbara, Maria Helena Damasceno e Silva Megale, Romeu Cardoso Guimarães, Wander Melo Miranda (Presidente)  
*Suplentes:* Cristiano Machado Gontijo, Denise Ribeiro Soares, Leonardo Barci Castriota, Lucas José Bretas dos Santos, Maria Aparecida dos Santos Paiva, Maurílio Nunes Vieira, Newton Bignotto de Souza, Reinaldo Martiniano Marques, Ricardo Castanheira Pimenta Figueiredo

B112m Babbie, Earl  
 Métodos de pesquisas de Survey/Earl Babbie; tradução de Guilherme Cezarino.- Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.  
 519p. - (Coleção Aprender)  
 Tradução de : Survey research methods  
 1. Ciências Sociais - Metodologia 2. Pesquisa social - Metodologia  
 I. Título II. Série

CDD: 300  
 CDU: 303.4

Catalogação na publicação: Divisão de Planejamento e Divulgação da Biblioteca Universitária - UFMG

ISBN: 85-7041-175-8

WATSON, James D. *The Double Helix*. New York: The New American Library, Inc., 1968.

WHITEHEAD, Alfred North. *Science and the Modern World*. New York: The MacMillan Company, 1925.

## Capítulo 2

### A Ciência e as Ciências Sociais

Um dos mais vivos debates acadêmicos dos últimos anos diz respeito ao *status* “científico” das disciplinas englobadas sob a rubrica de ciências sociais — tipicamente incluindo sociologia, ciência política, psicologia social, economia, antropologia, pesquisa de mercado e, às vezes, áreas como geografia, história, comunicações e outros campos compostos ou especializados. A questão básica é se o comportamento humano pode ser submetido ao estudo “científico”. Já que o capítulo anterior chamou a atenção para a confusão sobre o termo *ciência* em geral, não é de surpreender que os acadêmicos discordem também sobre as ciências sociais.

Oposição à idéia de ciências sociais tem surgido tanto dentro como fora dos campos das ciências sociais. Dentro dos campos, o movimento para as ciências sociais tem significado um redirecionamento e, em alguns casos, uma renomeação da tradição acadêmica estabelecida. Cada vez mais, departamentos de Governo têm sido substituídos por departamentos de Ciência Política, departamentos de Fala se tornam de Comunicação. Em muitos casos, o movimento para as ciências sociais significa uma passagem da ênfase na descrição para a explicação sistemática. Na ciência política, isto significa maior ênfase em explicar comportamento político do que em descrever instituições políticas. Em antropologia, tem representado diminuição na ênfase em etnografia. O crescimento de subcampos como a econometria tem tido efeito semelhante na economia, como ocorre com a historiografia na história. Alguns geógrafos vêm mudando da enumeração de importações e exportações para modelos matemáticos de migração. Compreensivelmente, profissionais treinados e com experiência nos métodos mais tradicionais destes campos objetam às novas orientações.

Fora dos departamentos de ciência social, oposição semelhante vem das ciências físicas — de físicos, biólogos, químicos etc. Guiados pela imagem tradicional da ciência discutida acima, alguns cientistas físicos objetam que o “método científico” não pode ser aplicado ao comportamento social humano.

Freqüentemente, os defensores das ciências sociais abasteceram o debate emulando cegamente os protocolos e rituais das ciências estabelecidas. Essa emulação toma muitas formas: fascínio por equipamentos de laboratório, uso muitas vezes inapropriado da estatística e da matemática, o desenvolvimento de uma terminologia obscura e a adoção em bloco de teorias e terminologias das ciências físicas.

Na maioria, estes erros parecem advir da aceitação da imagem tradicional da ciência e da falta de compreensão da lógica da ciência na prática. Aspirantes a cientistas sociais muitas vezes buscam obter entendimento com métodos que não funcionam mesmo para os cientistas físicos. O resultado, freqüentemente, é serem ridicularizados pelos cientistas físicos, por colegas de profissão e por leigos.

É um firme suposto deste livro que o comportamento social humano pode ser submetido a um estudo “científico” tão legitimamente quanto átomos e células. Este é, porém, um suposto que deve ser entendido no contexto da discussão anterior da ciência na prática. Desta ótica, nenhuma diferença significativa parece existir entre ciências físicas e sociais. Como os cientistas físicos, os cientistas sociais procuram descobrir regularidade e ordem. Cientistas sociais buscam regularidade no comportamento social através da observação e medição cuidadosas, descoberta de relações e elaboração de modelos e teorias.

## A Busca de Regularidades Sociais

### Medindo Fenômenos Sociais

O primeiro tijolo da ciência é a “medição” ou a observação sistemática. Não há razão fundamental pela qual os cientistas sociais não possam medir fenômenos relevantes às suas investigações. Por exemplo, idade e sexo dos atores sociais podem ser medidos. Local de nascimento e estado civil podem ser medidos de diversas maneiras, variando em exatidão e economia.

Comportamento social agregado também pode ser medido sistematicamente. O cientista político consegue determinar o comportamento na urna em dia de eleição de todo o eleitorado

ou de zonas eleitorais individuais. A quantidade de tráfego num determinado trecho de rodovia pode ser medida em diferentes pontos do tempo. Pesquisadores de mercado podem medir volumes de vendas.

Atitudes também podem ser medidas, embora este seja um ponto de muito desacordo. Por exemplo, preconceito contra mulheres pode ser medido determinando a aceitação ou a rejeição individual de crenças e perspectivas que representam tal preconceito. Religiosidade, liberalismo político e conservadorismo, autoritarismo e variáveis semelhantes também podem ser medidos de maneira semelhante.

Medir atitudes é freqüentemente questionado como “não-científico”; embora aborde este tema mais adiante neste e em capítulos subseqüentes, devo fazer alguns comentários aqui. Deve-se reconhecer que todas estas medidas (todas as medidas, aliás) são basicamente arbitrárias. O cientista social não pode descrever uma pessoa inequivocamente como “alienada” e outra como “não alienada”. Pessoas serão, ao invés, descritas como *relativamente mais ou menos alienadas* — ou seja, comparando uma com a outra. Esta característica, entretanto, não é prerrogativa das ciências sociais, como demonstram a “escala de dureza” usada nas ciências físicas, a “escala Richter” para terremotos etc. Ninguém pode dizer em termos absolutos que um determinado metal é “duro” ou um terremoto “severo”, apenas que é “mais duro” ou “mais severo” que outro.

## Descobrimo Regularidades Sociais

As pessoas tendem a considerar os objetos das ciências físicas como mais regulares que os das ciências sociais. Um objeto pesado cai para baixo sempre que é solto, enquanto uma pessoa pode votar num determinado candidato numa eleição e contra o mesmo candidato na eleição seguinte. Assim também, o gelo se derrete quando aquecido, enquanto pessoas aparentemente religiosas nem sempre vão à igreja. Embora estes exemplos sejam geralmente verdadeiros, há o perigo de se acabar descartando totalmente a existência de regularidades sociais. A existência de normas sociais observáveis contradiz esta conclusão.

Algumas normas sociais são prescritas pelas instituições formais de uma sociedade. Por exemplo, só pessoas de uma certa idade ou mais podem votar em eleições. Antes de 1920, homens americanos podiam votar e mulheres não. Tais prescrições formais, então, regulam ou regularizam o comportamento social.

Além de prescrições formais, podemos observar outras normas sociais. Republicanos registrados votarão mais provavelmente

em candidatos Republicanos do que Democratas. Professores universitários tendem a ganhar mais dinheiro do que trabalhadores não especializados. Mulheres tendem a ser mais religiosas do que homens.

Relatos de regularidades por cientistas sociais estão frequentemente sujeitos a três tipos de crítica. Primeiro, o relato pode ser acusado de trivialidade, de que todo mundo já sabia disso. Segundo, podem ser citados casos contraditórios, indicando que a observação não é totalmente verdadeira. Terceiro, pode-se argumentar que as pessoas envolvidas podem, se realmente quiserem, perturbar a regularidade observada.

A acusação de que muitas descobertas feitas por cientistas sociais são triviais ou já bem conhecidas levou muitos aspirantes a cientistas a procurarem descobertas esotéricas ou obscuras que provassem que a ciência social é mais do que senso comum pretensioso. Esta resposta é inapropriada sob diversos pontos de vista. Para começar, tantas contradições são evidentes no vasto corpo do “senso comum”, que se torna essencial expurgar sistematicamente os erros nele existentes. Mesmo quando uma proposição não é questionada pelos leigos, ela deve ser testada empiricamente.

Muitos instrutores de metodologia das ciências sociais iniciam suas aulas revelando um conjunto de “descobertas importantes” das ciências sociais, derivadas de estudos conduzidos por Samuel A. Stouffer durante a II Guerra Mundial.<sup>1</sup> Tais “descobertas” incluem os seguintes achados:

- Soldados negros ficavam mais felizes em campos de treinamento no Norte do que no Sul dos Estados Unidos.
- Soldados da Força Aérea americana, onde as promoções eram rápidas, tinham mais probabilidade de achar que seu sistema de promoções era justo do que os soldados da Polícia Militar, onde elas eram muito lentas.
- Soldados mais escolarizados tinham mais probabilidade de se ressentir com o alistamento militar forçado do que soldados menos escolarizados.

Quando os alunos começam a fazer pouco caso da obviedade das “descobertas importantes”, o instrutor revela que *cada uma delas foi desprovada* pela pesquisa de Stouffer e explica por que a relação observada faz sentido quando examinada abaixo

do nível das aparências.<sup>2</sup> Em suma, “documentar o óbvio” é uma função valiosa de qualquer ciência, física ou social, e não é uma crítica legítima de qualquer empreendimento científico. (Darwin cunhou o termo “experimento de tolo” numa referência irônica a grande parte de sua própria pesquisa.)

A crítica de que certas generalizações da ciência social estão sujeitas à desconfirmação em casos específicos também não é um desafio suficiente ao caráter “científico” das investigações. Assim, não basta notar que um certo homem é mais religioso do que uma certa mulher. Regularidades sociais representam padrões probabilísticos, e uma relação geral entre duas variáveis não precisa ser verdadeira em 100% dos casos observáveis.

A ciência física não está isenta desta crítica. Na genética, por exemplo, o cruzamento de uma pessoa de olhos azuis com outra de olhos castanhos *provavelmente* resultará numa criança de olhos castanhos. Mas se a criança nascer de olhos azuis, isto não desafia a regularidade observada, já que a genética afirma apenas que a probabilidade dos olhos serem castanhos é maior e, mais ainda, que olhos castanhos devem ser esperados num certo percentual dos casos. O cientista social faz uma previsão probabilística semelhante — que, no cômputo geral, mulheres têm mais probabilidade de serem mais religiosas do que homens. Com instrumentos de medição testados adequadamente, podemos prever o percentual de mulheres que se mostrarão mais religiosas do que homens.

Finalmente, a acusação de que regularidades sociais observadas podem ser perturbadas pela vontade consciente dos atores não é desafio suficiente à ciência social, mesmo se coisa semelhante parece não existir nas ciências físicas. (Supostamente, um objeto não consegue resistir e não cair no chão “porque não quer”.) Isto não é negar que um racista branco de direita pode, se quiser perturbar os cientistas políticos estudando eleições, votar num negro esquerdista radical. Numa eleição, todos os votantes podem, de repente, mudar e votar no candidato azarão, frustrando as pesquisas eleitorais. Seguindo o mesmo raciocínio, todos os trabalhadores podem ir trabalhar mais cedo ou ficar em casa e não ir trabalhar, evitando que aconteça o congestionamento de tráfego esperado na hora do “rush”. Mas tais coisas não ocorrem tão frequentemente a ponto de ameaçar seriamente a observação de regularidades sociais. Ironicamente, é claro, se todos os trabalhadores ficarem em casa, isto também seria uma regularidade susceptível de explicação.

O fato é que normas sociais existem e podemos observá-las. Quando mudam com o tempo, podemos também observar e explicar as mudanças. Em última análise, regularidades sociais persistem

porque tendem a fazer sentido para os indivíduos nelas envolvidos. Podemos sugerir que é lógico esperar que um certo tipo de pessoa aja de certa maneira e esta pessoa pode muito bem concordar com a base lógica desta expectativa. Assim, mesmo se direitistas brancos podem votar num negro radical de esquerda, eles acham estúpido votar assim, assim como eleitores negros de esquerda acham estúpido votar num candidato da Ku Klux Klan.

## Criação de Teorias Sociais

Cientistas sociais ainda não criaram teorias de comportamento social comparáveis às teorias desenvolvidas pelos cientistas físicos. Inúmeras teorias de comportamento social foram elaboradas há já vários séculos, mas sua adequação não é mais defendida seriamente. Evidentemente, muitas teorias sobre o mundo físico foram também descartadas. O abandono da teoria dos epiciclos de Ptolomeu não nega o caráter científico da astronomia contemporânea. Nem saber que as teorias contemporâneas da física serão mais tarde superadas nega o *status* científico desse campo.

De qualquer maneira, atualmente as ciências sociais não têm teorias formais comparáveis às existentes em outros campos. Em parte, isto se deve ao fato de que métodos sistemáticos, “científicos”, não têm sido aplicados ao comportamento social tanto tempo quanto aos fenômenos físicos. Ao mesmo tempo, a relutância em admitir a susceptibilidade do comportamento social ao estudo científico tem limitado os recursos disponíveis para o desenvolvimento das ciências sociais.

Além do mais, este livro tem origem na convicção de que o desenvolvimento científico das ciências sociais foi seriamente prejudicado pela incompreensão da natureza lógica da ciência em geral, especificamente pelo compromisso com a imagem tradicional, exclusivamente dedutiva, da ciência, oposta à compreensão da ciência na prática. Em vista disto, discutiremos agora as características das ciências sociais, paralelamente à discussão do Capítulo 1, que abordou a ciência em geral.

## As Características das Ciências Sociais

### A Ciência Social É Lógica

As ciências sociais visam entender racionalmente o comportamento social. Isto não significa dizer que todo comportamento social é racional. Certos comportamentos sociais são irracionais,

alguns são não racionais, mas os cientistas sociais devem ser relativamente racionais ao procurar compreender todas as formas de comportamento.

O cientista social está preso a muitas das mesmas restrições lógicas que o cientista físico. Um evento não pode causar outro evento ocorrido antes. Um objeto não pode ter características mutuamente excludentes, e um evento ou característica não pode ter resultados mutuamente excludentes. Também, tanto a lógica dedutiva quanto a indutiva são apropriadas para as ciências sociais, como já se discutiu a respeito da ciência em geral no Capítulo 1.

### A Ciência Social É Determinística

Como os cientistas físicos, também os cientistas sociais supõem que eventos têm razões, que as coisas “não acontecem simplesmente”. Todo evento ou situação tem determinantes antecedentes. Esta característica das ciências sociais muitas vezes parece entrar em choque com o senso comum, como vimos antes. O cientista social pode concluir que um grupo de pessoas se comporta de determinada maneira devido a alguns eventos e condições anteriores, como no caso do comportamento eleitoral do racista branco de direita. Neste sentido, as condições de raça, preconceito e orientação política *determinam* o comportamento eleitoral. Isto não significa dizer que estes eleitores não poderiam votar num candidato negro de esquerda; apenas é improvável que o façam.

A postura determinista das ciências sociais representa o afastamento mais significativo dos estudos mais tradicionais, humanistas, do comportamento social. Enquanto o observador mais humanisticamente orientado considera a busca da alma e as agonias através das quais uma pessoa pesa os méritos e deméritos relativos de uma ação, para chegar a uma decisão bem pensada, o cientista social mais tipicamente busca os determinantes gerais de tal decisão entre diferentes agregados de pessoas. Enquanto o humanista argumenta que a decisão de cada indivíduo resulta de um processo idiossincrático, o cientista social diz que ela se encaixa num padrão bem mais simples e geral.

### A Ciência Social É Geral

Vimos que as ciências sociais visam à observação e ao entendimento de padrões gerais de eventos e correlações. A utilidade de uma teoria social ou correlação social cresce em função de sua “generalizabilidade”. Quanto mais fenômenos são explicados,

maior a utilidade. Assim, uma teoria do comportamento do consumidor aplicável apenas a jovens é menos útil do que outra aplicável a consumidores de todas as idades. Uma teoria do comportamento político aplicável apenas a americanos é menos útil que outra aplicável aos povos de todas as nações.

Embora muitas vezes possamos começar tentando explicar uma faixa mais limitada de comportamento social ou o comportamento de um subconjunto limitado da população, nossa meta, normalmente, é expandir o poder explicativo de nossas descobertas a outras formas de comportamento e a outros subconjuntos da população.

## A Ciência Social É Parcimoniosa

Como o cientista físico, o cientista social busca atingir o maior poder explicativo com o menor número de variáveis. Em muitos casos, a consideração adicional de novas variáveis acrescenta poder explicativo e preditivo, mas resulta também num modelo mais complicado. Na prática, o acréscimo de mais variáveis muitas vezes reduz a generalizabilidade da explicação, já que certas variáveis podem ter um efeito sobre membros de um subconjunto da população e efeito diferente sobre membros de outros subconjuntos.

Note-se que a parcimônia das ciências sociais, à semelhança de sua postura determinista, as abre à crítica das pessoas que sustentam uma visão mais humanista. Enquanto o humanista tende a explorar as profundidades dos fatores idiossincráticos que resultam numa decisão ou ação de um ator social, o cientista social conscientemente tenta limitar esta investigação.

O pesquisador de mercado procura explicar preferências por morar na cidade, nos subúrbios ou no campo baseado em, digamos, três ou quatro variáveis. Evidentemente, pode-se argumentar que todo mundo tem muitas outras razões individuais para a opção por seu estilo de vida e que um número limitado de variáveis não consegue explicar adequadamente a profundidade de uma decisão tomada por qualquer uma das pessoas estudadas.

O humanista tem razão ao afirmá-lo, mas o cientista social tem uma meta bem diferente da do humanista. O cientista social procura conscientemente obter o máximo de compreensão com o menor número de variáveis. Nem o cientista social nem o humanista está mais correto do que o outro; simplesmente, as metas dos dois são diferentes. Temos que entender plenamente a meta do cientista social, para reconhecer a não validade desta crítica.

## A Ciência Social É Específica

Cientistas sociais, como os físicos, devem especificar seus métodos de medição. Isto é particularmente importante nas ciências sociais, que lidam com conceitos vagamente definidos no discurso comum. Enquanto o físico define “aceleração” mais rigorosamente que um leigo, a definição científica não difere tanto assim do entendimento comum do termo. Já conceitos como “alienação”, “liberalismo” e “preconceito” possuem significados tão variados na linguagem comum que suas definições rigorosas não são prontamente aparentes.

Cientistas sociais podem submeter tais conceitos a exame científico rigoroso, mas para isto devem especificar claramente a natureza das medições efetuadas em cada caso. Também as definições serão avaliadas com base na utilidade — sua contribuição para a explicação e o entendimento generalizados — e não na “Verdade” absoluta.

## A Ciência Social É Empiricamente Verificável

Para serem úteis, proposições e teorias científicas sociais devem ser testadas no mundo real. Assim, afirmar que educação se associa negativamente com preconceito é inútil sem sugerir modos para medir as duas variáveis e testar a proposição. Como nas ciências físicas, o cientista social deve ser capaz de descrever condições empíricas nas quais uma dada proposição seria julgada incorreta, isto é, os modos pelos quais ela seria desprovada.

Crenças religiosas, como a da existência de Deus, por exemplo, não são susceptíveis de verificação empírica. Do mesmo modo, a afirmação de que membros de um grupo religioso ou racial são desleais “em seus corações”, mesmo quando parecem agir de forma leal, não pode ser submetida à verificação empírica. O mesmo se aplica a proposições sobre como seria o comportamento humano caso o Sol não aparecesse numa determinada manhã.

## A Ciência Social É Intersubjetiva

Se um determinado exame científico social for descrito adequadamente em seus detalhes específicos, qualquer outro cientista social, de quaisquer convicções pessoais, deve poder replicar o exame com resultados semelhantes. Descobertas científico-sociais opostas são mais freqüentemente conseqüências de

desacordos sobre o desenho mais apropriado da pesquisa — incluindo definição e medição de conceitos — do que de resultados obtidos com um mesmo desenho.

Isto é válido tanto para pesquisas sobre tópicos altamente emocionais como religião, política e preconceito quanto para o estudo da aceleração de objetos em queda. Evidentemente, na prática, pesquisadores raramente realizam estudos quando acreditam que seu desenho é incorreto. Por exemplo, o cientista social conservador provavelmente não definirá conservadorismo de forma negativa para os conservadores.

## A Ciência Social É Aberta a Modificações

Provavelmente nenhuma teoria social sobreviverá indefinidamente. Ou um crescente peso de evidências contrárias a derrubará ou se encontrará uma substituta, mais nova e parcimoniosa. Em qualquer caso, não se pode esperar que um achado de ciência social, a longo prazo, resista ao teste do tempo.

Claro que, na prática, o cientista social lida com fenômenos também afetados por ideologias — religiosas, políticas, filosóficas —, e ideologias são menos abertas a modificações que a ciência. Quando cientistas sociais explicam religiosidade em termos de variáveis estruturais, eles desafiam crenças religiosas básicas sobre comportamento moral, sistemas religiosos de recompensas e castigos etc. Quando cientistas políticos concluem que a classe operária nos EUA é mais autoritária do que a classe média, desafiam a ideologia política da esquerda. A postura determinista das ciências sociais em geral não aceita a imagem filosófica do livre arbítrio dos seres humanos, de tão antiga história na civilização ocidental.

O perigo é que alguns cientistas sociais possam estar tão pessoalmente comprometidos com certas posições ideológicas, que este compromisso os impeça de manter aberta sua prática científica. Assim, o cientista político comprometido com a esquerda pode não estar disposto a considerar, realizar ou aceitar pesquisas que possam levar à conclusão de que a classe operária é mais autoritária do que a classe média.

Já foi comentado que esta situação não é privilégio das ciências sociais. Investigações nas ciências físicas desafiaram e continuam desafiando sistemas estabelecidos de crenças ideológicas e alguns cientistas físicos têm sido prejudicados por compromissos ideológicos que reduziram a abertura de suas atividades científicas.

## Métodos de Pesquisas Científico-Sociais

Apesar deste livro abordar especificamente um só método de pesquisa social, é útil colocar este método no contexto dos outros métodos disponíveis ao cientista social. Faço isto, em parte, para sugerir que o exame de um determinado fenômeno social freqüentemente é mais bem-sucedido usando-se vários métodos diferentes — ponto particularmente importante a enfatizar numa época em que a pesquisa de *survey* goza de tão grande popularidade. A pesquisa de *survey* tem vantagens especiais, mas veremos neste livro que também tem limitações e não é o método apropriado para estudar certos tópicos. Pesquisadores sociais que se restringem a um só método, *survey* ou qualquer outro, limitam gravemente sua capacidade de entender o mundo ao seu redor.

Ao mesmo tempo, é importante compreender que todos os métodos de pesquisa social são norteados pelas características gerais da ciência delineadas neste e no capítulo anterior. É útil, portanto, examinar as forças e fraquezas relativas de cada método.

### O Experimento Controlado

Em muitos aspectos, o experimento controlado representa o exemplo mais claro de pesquisa científica, pelo menos na imagem popular da ciência. O desenho experimental tem muitas variações, mas aqui nos limitaremos ao desenho antes/depois com um único grupo de controle.

Suponha que você esteja interessado em métodos para reduzir o preconceito racial. Suponha também que você acredita na hipótese de que o preconceito antinegro poderia ser reduzido com uma consciência maior do papel importante dos negros na História americana. Para testar esta hipótese, você pode alugar ou mesmo produzir um filme documentando a história dos negros nos EUA. Este filme representaria o *estímulo* para o experimento.

Em seguida, você seleciona dois grupos de sujeitos. Na prática, você provavelmente procura voluntários e pode pagá-los para participarem do experimento. Se você for pesquisador universitário, provavelmente estes participantes serão alunos universitários. O mais importante na seleção dos participantes é criar dois grupos emparelhados, isto é, dois grupos de sujeitos tão parecidos um com o outro quanto



possível. Você pode conseguir isto pelo emparelhamento cuidadoso de características (sexo, idade, raça etc.), ou designando os sujeitos aos dois grupos *aleatoriamente*.

Um dos grupos será chamado *grupo experimental* e o outro *grupo de controle*. Os dois grupos serão testados para medir os níveis iniciais de preconceito contra negros. Por exemplo, ambos preencherão um questionário do tipo concordo/discordo a diversas frases manifestando preconceito antinegro. Espera-se que os dois grupos alcancem aproximadamente o mesmo escore geral neste *pré-teste*.

Em seguida, o grupo experimental assistirá ao filme documentário da história dos negros nos EUA. O grupo de controle *não* assistirá ao filme. Depois, os dois grupos serão novamente testados quanto a preconceito contra negros. A hipótese do pesquisador será confirmada se o grupo experimental demonstrar preconceito significativamente menor do que o grupo de controle no *pós-teste*.

O papel do grupo de controle em tal experimento é crítico. Serve à função de isolar o estímulo experimental como única fonte da mudança nos sujeitos do experimento. Se decorrer um longo tempo entre o pré e o pós-teste, o preconceito dos sujeitos pode diminuir graças a fatores externos ao experimento. O filme poderia então ser irrelevante para a redução observada do preconceito. Se isto ocorrer, o preconceito do grupo de controle deve diminuir também. A hipótese será confirmada somente se o preconceito do grupo experimental diminuir mais do que o do grupo de controle.

De forma semelhante, o grupo de controle ajuda o pesquisador a se precaver contra o efeito do experimento por si mesmo. É possível que o ato de testar e retestar torne os sujeitos mais sensíveis aos propósitos do estudo. Enquanto eles podem parecer relativamente preconceituosos no pré-teste, o próprio teste pode alertá-los para o fato de que o pesquisador quer descobrir quão preconceituosos são. Já que pouca gente quer ser identificada como racista, os sujeitos podem ter mais cuidado ao responderem o questionário pós-teste, procurando responder de forma a evitar aparecerem como racistas. Mas este fator deve operar igualmente no grupo de controle e no experimental, e o declínio diferencial no preconceito observado é o teste da hipótese.

Isolar as variáveis experimentais é a vantagem chave do experimento controlado. Ele apresenta também diversas desvantagens, contudo. Primeiro, o experimento controlado tipicamente

não fornece dados descritivos úteis. Se 20% dos dois grupos concordarem com uma afirmação preconceituosa, nada aprendemos sobre o percentual da população em geral que concordaria com ela, já que os sujeitos não são, via de regra, selecionados dessa população por métodos de amostragem aleatória. Se eles forem tirados de uma subpopulação especial, como estudantes, seu valor descritivo se reduz ainda mais.

Segundo, o experimento controlado representa um teste artificial da hipótese. A relevância do experimento para o mundo real está sempre sujeita a questionamento. No exemplo anterior, suponhamos que o filme documentário pareça reduzir significativamente o preconceito antinegros quando assistido como parte de um experimento científico num laboratório especial, com os sujeitos conscientes de participarem de um experimento. O filme não teria necessariamente o mesmo efeito se assistido pelo grande público na televisão ou em cinemas.

Finalmente, os achados podem não ter aplicabilidade generalizável a outros grupos da população. É concebível que o filme reduzisse preconceito entre universitários — se os sujeitos forem extraídos de estudantes —, mas não teria impacto em não-estudantes. Um exemplo não-experimental ilustra esta possibilidade. Durante anos, acreditou-se que, enquanto o preconceito contra negros era maior na classe operária do que nas classes média e alta, o anti-semitismo aumentava à medida que se subia na escala social. Tal conclusão se baseava numa série de estudos sobre preconceito realizados com estudantes universitários. Estudantes de famílias de classe alta pareciam consistentemente um pouco mais anti-semitas do que os de classes sociais relativamente mais baixas. Esse achado se deveu ao fato de que os alunos nos estudos provinham todos de uma faixa relativamente estreita de famílias de classes mais altas. O verdadeiro achado seria, então, que estudantes de classes mais altas eram ligeiramente mais anti-semitas do que alunos de classe média-alta. Estudos subseqüentes da população em geral indicaram, porém, que os respondentes de classe operária eram mais anti-semitas, assim como eram também mais antinegros.

As carências do experimento controlado podem ser reduzidas pela sofisticação das pesquisas, variação do desenho experimental e replicação em grupos muito diferentes de participantes. Além do mais, o experimento controlado pode ser especialmente valioso quando combinado com outros métodos, visando a um único tópico de pesquisa.

## Análise de Conteúdo

Alguns tópicos de pesquisa são susceptíveis ao exame sistemático de documentos, como romances, poemas, publicações governamentais, música etc. Este método de pesquisa chama-se *análise de conteúdo*. A título de ilustração, suponha que você queira examinar as mudanças nas atitudes oficiais dos soviéticos para com os EUA. Você pode limitar o período do estudo aos anos entre 1950 e 1990 e decidir tomar os editoriais do *Pravda* como indicadores de política oficial.

Você pode, então, ou obter cópias de todos os editoriais do *Pravda* durante aquele período ou fazer um desenho amostral selecionando, digamos, cada décimo editorial. Cada editorial será examinado e receberá um escore correspondendo a posição favorável ou crítica aos EUA — ou a ser irrelevante para os EUA. Esta atividade exige um método sistemático de atribuir escores. Você tem de especificar que tipos de referências aos EUA serão consideradas e quantificadas como favoráveis e que tipos consideradas e quantificadas como críticas. É concebível que você deseje ponderar referências diferencialmente, em termos da força relativa do apoio ou da crítica. Neste caso, é necessário especificar como, nesta ponderação, os pesos diferenciais serão atribuídos.

Tendo atribuído escores aos editoriais, você pode agora agregar os escores de forma a caracterizar diferentes períodos temporais. Talvez você combine os escores por ano, relatando, por exemplo, que 12% dos editoriais em 1950 eram favoráveis aos EUA, 8% dos de 1951 eram a favor, e assim por diante. O padrão das diferenças ao longo do tempo representará a atitude oficial soviética para com os EUA.

Se bem que estes dados sirvam a uma finalidade descritiva útil, talvez você deseje ir além de descrições para explicar as flutuações observadas na atitude oficial soviética para com os EUA. Suponha que você acredite que as atitudes soviéticas foram, em grande parte, determinadas pelo montante de críticas que a URSS recebia dos EUA; isto é, quando os EUA criticavam a URSS, esta reagia acirrando as críticas aos EUA.

Você pode examinar esta possível explicação analisando o conteúdo de discursos e debates nos EUA. Você decidiria quais formas de comunicação nos EUA melhor refletiriam o estímulo hipotetizado e examinaria e daria escores a todos ou a uma amostra deles quanto a seu conteúdo de crítica anti-soviética. Os métodos de escore teriam de ser especificados e os

escores dados teriam de ser agregados para o mesmo período de tempo usado no estudo inicial. Você então compararia os dois padrões de flutuações, para determinar se a crítica americana à URSS era tipicamente seguida ou não de pronunciamentos anti-americanos no *Pravda*.

Análise de conteúdo tem a vantagem de fornecer um exame sistemático de materiais em geral avaliados de forma mais impressionística. Um repórter pode, por exemplo, ler os editoriais do *Pravda* ao longo do tempo — anotando mentalmente os que mencionam os EUA e talvez observando os editoriais que apóiam ou criticam fortemente os EUA —, criando uma impressão geral das flutuações na postura oficial. Através da análise de conteúdo sistemática, contudo, você se previne contra vieses inadvertidos que pode projetar no estudo. Você pode começar suspeitando que a URSS foi relativamente pró EUA durante um certo período, podendo, inconscientemente, dar mais atenção a conteúdos de editoriais favoráveis neste período, descontando os editoriais negativos descobertos. Seguindo rigorosamente um sistema preestabelecido de amostragem e atribuição de escores, você reduziria a influência de seus vieses.

Como todo método de pesquisa, a análise de conteúdo tem pontos fracos. Primeiro, o tipo de documentos selecionados para exame pode não ser a medida mais apropriada da variável estudada: é possível que editoriais do *Pravda* não sejam o melhor indicador da atitude soviética oficial para com os EUA. Discursos públicos de autoridades governamentais selecionadas ou pronunciamentos soviéticos no saguão das Nações Unidas poderiam ser mais apropriados. Na maioria dos casos, não há como determinar qual fonte representa o melhor foco do estudo. Este inconveniente pode ser minimizado examinando sistematicamente diferentes fontes e determinando se cada fonte leva à mesma conclusão.

Segundo, métodos de escore quase sempre contêm um elemento arbitrário. Alguns comentários em editoriais nos EUA são tão ambíguos que atribuir-lhes escores é difícil, talvez impossível. Outros comentários podem ser julgados favoráveis por um observador e críticos por outro. Talvez o pesquisador consiga reduzir esse problema pedindo avaliações independentes de outros pesquisadores experientes no assunto. Se vários observadores independentes concordarem sobre o escore dos comentários num editorial, a utilidade deste sistema de quantificação cresce. Em última análise, não há como garantir, com segurança absoluta, que comentários editoriais estão recebendo o escore certo. No lugar dessa confiabilidade absoluta, você

deve ser o mais específico possível na criação, execução e relato do sistema de escore. Os leitores do seu relatório da pesquisa devem saber, pelo menos, o que os escores representam exatamente, mesmo se discordarem da adequabilidade do sistema usado.

## Análise dos Dados Existentes

Pesquisa científica não é igual a coleta e análise de dados originais. De fato, alguns tópicos de pesquisa podem ser estudados analisando dados já coletados e compilados. O exemplo clássico é o estudo do suicídio de Émile Durkheim.<sup>3</sup> Interessado em descobrir as razões primárias do suicídio, Durkheim conduziu sua investigação sem coletar um só dado original. Ele testou um amplo espectro de hipóteses examinando taxas publicadas de suicídio em diferentes áreas geográficas. Por exemplo, examinou taxas diferentes de suicídio de protestantes e católicos, comparando as taxas de áreas predominantemente protestantes com as de áreas predominantemente católicas. Examinou os efeitos do clima, comparando taxas de regiões quentes com as de regiões mais frias.

A análise de dados agregados existentes tem a grande vantagem da economia. O pesquisador não precisa arcar com os custos de amostragens, entrevistas, codificações, recrutamento de sujeitos experimentais etc. Mas esta forma de pesquisa social tem duas importantes desvantagens.

Primeiro, o pesquisador fica limitado a dados já coletados e compilados, que podem não representar adequadamente as variáveis que o interessam. No entanto, este problema pode ser resolvido com uma boa dose de engenhosidade. Quando Samuel Stouffer examinou os efeitos da Grande Depressão nas famílias americanas e fora dos EUA, considerou vários indicadores possíveis de uma quebra hipotética de normas familiares tradicionais.<sup>4</sup> Taxas de divórcio forneceram um indicador, mas Stouffer foi bem além, considerando as taxas de casamentos inter-religiosos, cerimônias civis em oposição a religiosas, casamentos fora dos Estados onde viviam os casais etc. Durkheim exibiu engenhosidade semelhante no estudo do suicídio.

O segundo problema tem a ver com o que é chamado de *falácia ecológica*. Sempre que você correlaciona variáveis geradas a partir de dados agregados, torna-se difícil determinar se a mesma relação entre as variáveis permanece verdadeira no nível dos indivíduos. Por exemplo, quando Durkheim encontrou taxas

de suicídio consistentemente mais altas em áreas predominantemente protestantes do que em áreas predominantemente católicas, não teve como determinar se os protestantes estavam cometendo suicídio. É concebível que católicos residindo em áreas predominantemente protestantes apresentassem as taxas de suicídio mais altas de todas. Também, quando Stouffer encontrou mais casamentos “impulsivos” durante os anos da Depressão, não teve como determinar se os envolvidos eram os mais afetados pela Depressão. Um exame engenhoso e lógico dos dados pode ajudar a reduzir este risco. Incentivo a leitura dos dois livros citados, para ver algumas das formas usadas por Stouffer e Durkheim para resolver o problema.

## Estudo de Caso

O *estudo de caso* é uma descrição e explicação abrangentes dos muitos componentes de uma determinada situação social. Um estudo de comunidade, como o de W. Lloyd Warner sobre a comunidade de “Jonesville”, é um exemplo de estudo de caso.<sup>5</sup> Num estudo de caso, você busca coletar e examinar o máximo de dados possíveis sobre o seu tema. Num estudo de comunidade, você aprende a história da comunidade, seus aspectos religiosos, políticos, econômicos, geográficos, composição racial etc. Você pode procurar determinar a estrutura de classes da comunidade, isto é, quem são os cidadãos mais importantes e poderosos e quem está embaixo da pirâmide.

Em resumo, você procura a descrição mais abrangente possível da comunidade e tenta determinar as inter-relações lógicas dos seus vários componentes. Qual foi o impacto do fechamento da madeireira no início dos anos 30? Como, em 1960, o prefeito reformista mudou as relações de poder na comunidade? O que causou a invasão dos Yuppies nos anos 80?

É importante saber que, quanto aos objetivos científicos, a abordagem estudo de caso de pesquisa social difere radicalmente dos outros métodos vistos até aqui. Enquanto a maioria das pesquisas visa diretamente o entendimento generalizado, o estudo de caso, busca inicialmente o entendimento abrangente de um só caso idiossincrático. Se a maioria das pesquisas procura limitar o número de variáveis consideradas, o estudo de caso tenta maximizá-lo. Em última análise, o pesquisador, fazendo um estudo de caso, busca, tipicamente, conhecimentos geralmente aplicáveis além do caso único estudado, mas por si só o estudo de caso não garante esta generalizabilidade.

Por exemplo, um estudo de caso pode sugerir que a entrada de trabalhadores estrangeiros não qualificados na comunidade teve como efeito geral promover a ascensão ocupacional dos trabalhadores nativos, com muitos assumindo cargos de supervisão dos novos migrantes. Este achado pode levá-lo a supor que você descobriu um princípio geral de mobilidade ocupacional e que mudança semelhante ocorreria na maioria das comunidades que sofressem influxo de mão de obra estrangeira não-qualificada. Um único estudo de caso, contudo, não poderia confirmar esta hipótese, e estudos adicionais em outras comunidades seriam necessários para confirmá-la.

## Observação Participante

O termo *observação participante* refere-se a um método de coleta de dados em que o pesquisador torna-se participante no evento ou grupo social estudado. Você pode juntar-se a uma marcha de protesto como forma de colher dados sobre os outros participantes, ou entrar num grupo religioso que deseja estudar.

Na prática, como observador participante, você pode ou não revelar seu papel de pesquisador; esta decisão tem importantes implicações metodológicas e éticas. Se você admitir abertamente aos demais participantes que está realizando um estudo científico do grupo, sua presença pode afetar o fenômeno que pretende estudar. Saber que suas ações podem ser publicadas pode afetar o modo como os participantes agem. Por outro lado, se você esconder suas atividades de pesquisa e fingir ser um membro típico do grupo, estará sujeito às questões éticas relativas a engano. Além do mais, filiação aparentemente genuína pode apresentar problemas científicos. O que você fará se for eleito presidente do grupo ou se pedirem sua opinião sobre o que o grupo deve fazer em seguida? Sua reação afetará o que você está tentando estudar. Já que situações e finalidades de pesquisas variam tanto neste aspecto, não se pode dar uma diretriz geral, mas você deve estar consciente das questões envolvidas.

Como o estudo de caso, a observação participante visa colher muita informação detalhada. Mergulhando nos eventos sociais em andamento, você estará em condições de atingir profundidade de conhecimento muito maior do que seria possível, por exemplo, na análise de conteúdo ou no experimento. Ao mesmo tempo, porém, o observador participante encontra grande dificuldade em manter procedimentos sistemáticos de pesquisa. Já que será humanamente impossível observar e documentar tudo o que acontece, você terá de selecionar seus dados. Tentar

observar e registrar tudo pode resultar numa situação na qual vieses inconscientes se tornam a base da seleção. Por exemplo, se você começa a firmar a conclusão de que estudantes mulheres estão se tornando mais atuantes na direção de marchas de protesto, pode, inconscientemente, ficar mais pronto a anotar as instâncias que sustentam esta conclusão. Em última análise, o perigo maior é não conseguir dizer ao leitor quais critérios você usou na seleção e relato das observações, para que ele possa avaliar a adequabilidade dos critérios usados e a generalizabilidade das conclusões.

Voltaremos a considerar brevemente estes métodos de pesquisa nas conclusões do Capítulo 3, que examina a pesquisa de *survey*. Após descrever a natureza, as forças e fraquezas dos métodos de *survey*, nós os compararemos com os outros métodos descritos neste capítulo. As conclusões a que chegaremos podem ser reveladas aqui: (1) situações diferentes de pesquisas sociais requerem métodos diferentes e (2) o melhor formato muitas vezes é o que envolve o uso de diversos métodos focados no mesmo tópico.

## Resumo

Neste capítulo, consideramos a possibilidade de aplicar métodos de investigação científica ao comportamento social. Mesmo anotando algumas considerações particulares pertinentes a esta aplicação, não encontramos nenhum obstáculo fundamental às ciências sociais. Embora as características da ciência em geral possam ser trazidas para o estudo da sociedade, isto não pode ser feito emulando a imagem tradicional da ciência.

Vimos também que pesquisadores sociais podem usar vários métodos de pesquisa para observar e entender o comportamento social. O capítulo seguinte aborda especificamente a pesquisa de *survey* como mais um método de pesquisa social. Logo veremos que as características básicas da ciência em geral aplicam-se igualmente à pesquisa de *survey* em particular.

## Notas

<sup>1</sup> STOUFFER, Samuel A. et al. *The American Soldier*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1949.

<sup>2</sup> Estes achados são discutidos no Capítulo 15, "O Modelo de Elaboração".

<sup>3</sup> DURKHEIM, Émile. *Suicide: a Study in Sociology*. Trad. George Simpsen. New York: Free Press, 1951.

<sup>4</sup> STOUFFER, Samuel A. *Social Research to Test Ideas*. New York: Free Press, 1962. p.134-153.

<sup>5</sup> WARNER, W. Lloyd. *Democracy in Jonesville*. New York: Harper & Row, 1949.

## Leituras Adicionais

BABBIE, Earl. *Observing Ourselves: Essays in Social Research*. Belmont, CA: Wadsworth, 1986.

COOK, Thomas D., CAMPBELL, Donald T. *Quasi-Experimentation: Design and Analysis Issues for Field Settings*. Chicago: Rand McNally, 1979.

DURKHEIM, Émile. *The Rules of Sociological Method*. Trad. Sarah Solovay e John Mueller. New York: Free Press, 1962. (Editado por George Catlin.)

HOLSTI, Ole. *Content Analysis for the Social Sciences and Humanities*. Reading: Addison-Wesley, 1969.

HUNT, Morton. *Profiles of Social Research: The Scientific Study of Human Interactions*. New York: Russell Sage Foundation, 1958.

LOFLAND, John. *Analyzing Social Settings*. Belmont, CA: Wadsworth, 1984.

McCALL, George, SIMMONS, J. L. (Ed.). *Issues in Participant Observation: a Text and Reader*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1969.

RAY, William, RAVIZZA, Richard. *Methods Toward a Science of Behavior and Experience*. Belmont, CA: Wadsworth, 1985.

WALLACE, Walter. *The Logic of Science in Sociology*. Chicago: Aldine-Atherton, Inc., 1971.

## Capítulo 3

# Pesquisa de *Survey* como Método das Ciências Sociais

Este livro aborda fundamentalmente a lógica e as capacidades de um método de pesquisa: o *survey*. Antes de continuar, descreveremos rapidamente os componentes do *survey* típico, se bem que veremos mais tarde que métodos de *survey* podem ser aplicados a uma vasta gama de tópicos e desenhos.

Suponha o interesse de estudar atitudes de estudantes de uma universidade. Seleciona-se uma *amostra* de centenas de estudantes da totalidade do corpo discente. Um *questionário* é elaborado para obter informações (por exemplo, atitudes) relevantes ao tema investigado. Os questionários são aplicados à amostra de alunos, através de entrevistas pessoais, por telefone ou por correio. As respostas de cada estudante da amostra são codificadas de forma padronizada e registradas de forma *quantitativa*. A seguir, transferem-se as respostas codificadas de cada aluno para disquetes de computador. Os registros padronizados de todos os alunos são submetidos a uma análise agregada, para fornecer descrições dos estudantes da amostra e determinar correlações entre diferentes respostas. As conclusões descritivas e explicativas obtidas pela análise são, então, generalizadas para a população da qual a amostra foi selecionada, neste caso todo o corpo estudantil.